



## II CONGRESO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE DE DIACONADO PERMANENTE

*Itaici, Brasil, 24 al 29 de Mayo de 2011*

### DESAFIOS E PROPOSTAS PARA O APOSTOLADO DOS DIÁCONOS NAS NOVAS FRONTEIRAS DA MISSÃO

**Diác. José Durán y Durán  
Brasil**

Na preparação do II Congresso Latino-americano e Caribenho de Diaconado Permanente somos convidados a refletir sobre a trajetória teológica e pastoral do diaconado nos últimos anos. E á luz do Documento de Aparecida perceber os desafios e as novas propostas para o ministério e apostolado dos diáconos nas novas fronteiras da missão.

Aparecida quer que tomemos consciência muito clara de que estamos em uma mudança de época. Isto implica em uma insegurança e instabilidade em todos os campos. Isto significa que as explicações, valores e estruturas que garantiam uma ordem e uma compreensão do mundo, do homem e Deus estão abaladas. Nesta mudança de época se requerem pessoas com espírito de mudança, pessoas capazes de interpretar os sinais dos tempos. Abertas a acolher as novas indicações do Espírito Santo. Pessoas dispostas a uma conversão. Dispostas a fazer mudanças. Pessoas com criatividade, com nova mentalidade. Com visão do presente e perspectivas de futuro. Capazes de sair da monotonia, da rotina, do pessimismo, do comodismo, do legalismo, do medo, da burocratização, do clericalismo. Aparecida repetirá exaustivamente que a Igreja hoje precisa de discípulos missionários.

Para sermos esses apóstolos das novas fronteiras no contexto atual somos convocados para superar grandes desafios.

#### I DESAFIOS PARA O APOSTOLADO DOS DIÁCONOS

##### 1.1. Desafios da situação da sociedade.

A sociedade vive hoje um processo de globalização que tem seus aspetos positivos e negativos. Porém os aspectos negativos afetam à maioria dos povos do Continente e do mundo. A globalização produz novas formas de empobrecimento, exclusão e injustiça.

Também em Aparecida como em Puebla os bispos quiseram mostrar os rostos dos que sofrem (cf. DAp 65).

Estes rostos dos pobres, sofredores e excluídos nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. DAp 26).

*“O discípulo deve levar em consideração os desafios que o mundo de hoje apresenta a Igreja de Jesus, entre outros: (...) as correntes culturais contrárias a Cristo e à Igreja; a mudança de paradigmas culturais; o fenômeno da globalização e a secularização; os graves problemas da violência, pobreza e injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas”. (DAp 185).*

## **1.2. Desafios internos da Igreja.**

Uma das novidades de Aparecida é que na análise da realidade também é incluída a Igreja. Esse reconhecimento das sombras e deficiências na realização da missão da Igreja especialmente junto aos pobres é um sinal de uma atitude nova.

Entre os muitos desafios internos Aparecida aponta:

As tentativas no interior da Igreja de voltar a uma eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II.

É muito fraca a vivência da opção pelos pobres.

Falta de aplicação da Doutrina Social da Igreja.

Falta de presença no campo da cultura, no mundo universitário e na comunicação social.

Não se assume suficientemente as pastorais sociais.

A Igreja deixa sem Eucaristia um número cada vez maior de comunidades.

Reconhece que falta aos católicos em algumas ocasiões um estilo de vida conforme ao Evangelho.

Os diáconos somos convocados a ajudar a Igreja a superar estes desafios.

## **1.3. Desafios estruturais da Igreja.**

Os desafios das mudanças estruturais da Igreja estão profundamente ligados ao ímpeto de homens novos, com corações novos, apaixonados pelo projeto do Reino de Deus. “Não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (538).

O Documento fala da necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais (cf. DAp 367).

Coloca com muita clareza que “a Igreja quer renovar suas estruturas pastorais” (450). Especialmente no mundo urbano é urgente a criação de novas estruturas pastorais. (173) Propõe e recomenda uma nova pastoral urbana (cf. 517). Estar atentos à linguagem, às práticas pastorais, aos horários (518a). Os números 517 e 518 são muito ricos em indicações para desenvolver novo estilo e estruturas de pastoral urbana.

A paróquia aparece como o maior alvo das mudanças estruturais e ao mesmo tempo como grande desafio. O desafio de renovar a paróquia. Renovar a estrutura paroquial. Que não seja mais um centro monopolizador, centralizador, burocrático, imenso de tamanho, sem possibilidade de fazer crescer as pequenas comunidades que estão sob a sua jurisdição territorial. As paróquias precisam ser repensadas e adequadas a realidade urbana de hoje.

Também se reconhece que é urgente criar espaço e estruturas que favoreçam maior inclusão e participação da mulher na sociedade e na Igreja. (454)

Aparecida propõe avançar “na estruturação de uma Pastoral Orgânica, para servir melhor às necessidades dos fiéis” (99g) e entre os fiéis a prioridade é dos pobres. Parece muito difícil trabalhar em vistas de um projeto comum. Cada paróquia, comunidade, movimento, e diria cada ministro, ou até cada animador de comunidade ou fundador, quer levar adiante apenas o seu projeto. Não é que os projetos específicos de cada instância devam ser abandonados. A questão é ser capaz de sintonizá-los com o projeto comum.

A questão da renovação das estruturas deve passar pela ótica dos pobres. Deixar para trás estruturas que não estão ajudando a evangelizar os pobres. É a partir deles que devemos pensar em novas estruturas. Na Igreja “casa dos pobres” é preciso que eles tomem conta da sua casa. Só criar estruturas que os próprios pobres possam gerenciar, estruturas abertas para acolher a todos (cf. 100,121,412,446e) e contextualmente situadas.

“Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (365, cf. 172).

#### **1.4. O desafio da conversão pessoal.**

A conversão pessoal vem como consequência de um autêntico encontro com Cristo. Conseqüentemente isto nos leva a reforçar em todos os momentos da vida a freqüência dos lugares do encontro com Cristo. A Sagrada Escritura, a Liturgia e o encontro com o irmão. Sempre me chamou a atenção saber que muitas pessoas e santos se converteram nas mais diversas idades. Isto é, sempre é tempo de conversão.

Conversão pessoal significa para nós “despertar a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida” (cf. DAp 366). O Reino deve ter a primazia. Por isso é que conversão pra valer significa submeter a nossa vida e também as estruturas da Igreja ao Reino. Como sempre somos tentados a fugir das exigências do Reino. Aparecida nos chama a “assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (DAp 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (DAp 366).

#### **1.5. O desafio da conversão pastoral.**

Na fidelidade ao Espírito Santo, conversão quer dizer fazer as reformas espirituais, pastorais e institucionais que requerem a renovação eclesial (DAp 367). Esta conversão pastoral leva-nos também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação. A conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor. (DAp 368).

Conversão pastoral implica em elaborar na Diocese um projeto de pastoral orgânica com a participação dos leigos em todos os momentos. Significa acompanhar constantemente este projeto. Enfrentar a renovação da paróquia. Promover a criação de comunidades de dimensões humanas. Significa apoiar o voluntariado. Os conselhos de pastoral e econômico. Sobretudo significa imitar ao Mestre, e estar sempre próximo, acessível, disponível a todos, e desejoso de comunicar vida em cada região da terra. (DAp 372).

Conversão significa também passagem. Passar de uma prática pastoral de mera manutenção para uma pastoral decididamente missionária (370). Custa muito deixar de fazer e participar de certas práticas pastorais inadequadas ao novo momento e contexto. Práticas que já não ajudam a transmitir a fé. Muitos justificam de mil maneiras a resistência a uma mudança. Dizem: ‘O povo está acostumado, o povo quer isso’. ‘Temos que respeitar a tradição do povo’. ‘Não podemos atropelar nem acabar com tudo de vez’. È claro que não se trata de destruir e acabar. Trata-se de edificar. Edificar com criatividade, com ousadia.

O que exige de nós diáconos esta conversão pastoral? Exige estar dispostos a ir as periferias e aos novos aréopagos, às fronteiras da evangelização para iniciar novas comunidades com um rosto e um estilo novos. Com estruturas que não reproduzam as velhas estruturas da paróquia, que superem todo tipo de burocracia e de centralização. Exige reforçarmos ministérios novos como o da visitação, da acolhida o de animadores de grupos. Inserção no projeto de formação dos leigos e leigas, desde a catequese inicial, permanente e catequese de adultos até cursos bíblicos e teológicos. Exige de nós promovermos e animar as pastorais sociais e a prática da Doutrina Social da Igreja. Exige vivermos uma espiritualidade do serviço e de comunhão missionária.

#### **1.6. Ser discípulos missionários.**

Ser e fazer discípulos missionários. Ser Igreja toda missionária. Ser Igreja toda servidora. Todos a serviço da missão. Cada um assumindo o seu ministério o seu carisma. Trabalhando unidos, articulados, organizados; levando adiante um projeto orgânico de pastoral. Todos se sentindo co-responsáveis na missão. Sermos discípulos missionários de Jesus Cristo para que nele

nossos povos tenham vida. Esta é a grande proposta de Aparecida. “Discipulado e missão são como duas faces da mesma moeda” (DAp 146). O desafio é: como sermos missionários nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais? (DAp 11). Como revitalizar nosso modo de ser católico? (DAp 13). Como intensificar nossa resposta de fé? (DAp 134). Como sermos discípulos missionários sem fronteiras? (DAp 376). Além do desafio pessoal de sermos autênticos discípulos missionários, temos o desafio, como ministros ordenados, de sermos animadores da formação dos discípulos missionários.

### **1.7. Fazer da Igreja casa e escola de comunhão.**

Ser uma Igreja comunitária. Os diáconos, como ministros ordenados, estão ligados ao ministério do bispo. “Os bispos, (...) somos chamados a “fazer da Igreja uma casa e escola de comunhão” (DAp 188, cf. NMI 43).

O grande desafio é como fazer uma experiência de vida comunitária, de comunhão dentro das estruturas e do estilo atual de Igreja.

A imagem da Igreja como “casa” pode nos ajudar a perceber que tal vez a organização estrutural da Igreja em paróquias territoriais com milhares de fiéis não responde mais às necessidades e exigências de nossos dias. O próprio sistema utilizado por Jesus na organização das massas na parábola da multiplicação dos pães e dos peixes nos mostra que o atendimento deve ser feito em pequenos grupos.

Aqui nos defrontamos com a necessidade de criar e organizar as pequenas comunidades. Junto com isto preparar os animadores e coordenadores dessas pequenas comunidades. Aí esbarramos de novo na questão ministerial. Temos que dar responsabilidade efetiva a esses animadores.

São Pedro na sua primeira carta vai dizer aos cristãos que estão sofrendo porque estão longe, dispersos e são pobres: a união de vocês seja a vossa casa. O amor e a convivência entre vocês é a casa de vocês. É esse amor que nos une que nos torna verdadeiros evangelizadores e missionários.

Por outro lado temos a imagem de Igreja como “escola”. Nesta comparação da Igreja com uma escola, devemos ter presente o modelo de convivência e seguimento que o discípulo tinha com o seu mestre no tempo de Jesus. Poderíamos dizer que o próprio Jesus cria a “escola dos apóstolos”. Uma escola de convivência. Uma escola de experiências vivas. Uma escola de partilha. Como fazer de cada uma das nossas comunidades uma escola ao estilo da escola de Jesus? Como fazer de cada uma das nossas comunidades “casa” e “escola” ao mesmo tempo? O desafio para os ministros ordenados e para nós diáconos especificamente é como sermos pais e irmãos dos pobres. Como sermos mestres que ensinam com o testemunho?

### **1.8. Viver como Igreja samaritana.**

É fazer da Igreja a “casa dos pobres” (8, 524, cf. 516). Aqui entra de cheio o desafio de viver como Igreja samaritana. Ser uma Igreja solidária. O desafio de que a opção preferencial pelos pobres continue sendo a “marca da fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DAp 391, cf 398). “Impõe-se aqui uma pergunta: nossas comunidades e paróquias, hoje, são casas para os excluídos? São referências para os pobres? Pedro queria que as comunidades cristãs fossem uma casa, *oikos*, para aqueles que estavam dispersos e perseguidos. Cabe repetir a pergunta: nossas paróquias e comunidades, e até nossas pastorais sociais, conseguem ser casa, referência, fortaleza, lugar de encontro e abrigo para quem está do lado de fora?”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> GONÇALVES, Alfredo J. *Mística e caridade solidária*. In: COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS, *Memórias do III Congresso Nacional de Diáconos*. O ministério da caridade. Brasília, DF, 2007, p.84.

Vimos antes que os bispos lamentam que na nossa Igreja sejam débeis as vivências da opção preferencial pelos pobres (cf. 100b). Mesmo lembrando que a Igreja sempre se tem empenhado a favor dos mais pobres inclusive dando a vida heroicamente com alguns dos seus membros (cf. 98). Então prometem assumir “com nova força essa opção pelos pobres” (DAP 399). O nosso desafio como diáconos é ajudar a que a Igreja assuma com nova força a opção pelos pobres. O que significa com nova força?

Primeiro, que não fique no plano teórico ou meramente emotivo, mas que tenha verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões (cf. 397). “É necessária uma atitude permanente que se manifeste em opções e gestos concretos, e evite toda atitude paternalista. Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação”(DAP 397).

Segundo, que seja seriamente assumida nos impulsionando a “procurar caminhos novos e criativos” (cf. 409). Terceiro, que nos envolvamos na transformação das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas (cf.395). Quarto, que atravesse todas as nossas estruturas e prioridades pastorais (396) e todas as obras educacionais e caritativas (cf. 337, 340). Quinto, precisamos prestar “especial atenção” (395) aos profissionais responsáveis pelas finanças e aos que têm “responsabilidades políticas, econômicas e culturais” (501) para que criem “um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres” (475) e “estruturas justas que são uma condição sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade” (547).

Este desafio nos atinge aos diáconos de cheio. O bispo é o pai dos pobres. A ele cabe a responsabilidade maior para que todos tenham vida. Mas os diáconos são “ouvido, olho, coração e alma do bispo” para ajudá-lo no amor de pai dos pobres. Nossa função fundamental é animar, reavivar, organizar a comunidade em vista do serviço aos pobres.

Nosso ministério e nosso desafio é ajudar a Igreja a assumir a causa dos pobres (94), a se fazer companheira de caminho deles (396, cf. 98), e sua advogada de justiça (533, 98).

O diácono junto com o bispo e o presbítero são os ministros da unidade. O diácono enfrenta o desafio de ser ministro da unidade a partir dos pobres. “O ministério ordenado é o ministério da unidade. O diácono tem sua forma própria de ser ministro da unidade, uma forma não presidencial e, portanto, diferente da do bispo e do presbítero. Ele constrói de outro modo a unidade da Igreja, a partir dos menos favorecidos, dos pobres, dos oprimidos.”<sup>2</sup> A opção pelos pobres não é exclusiva nem excludente. Por isso os diáconos são aqueles que a exemplo de Cristo vão buscar os marginalizados para integrá-los na comunidade. Eles vão fazer que a unidade da Igreja se construa em torno a eles, na solidariedade com eles. Por outro lado, os diáconos vão despertar os cristãos bem situados para a centralidade do pobre. Isto é fundamental para que a Igreja se una em torno do Evangelho e não por critérios sociológicos.<sup>3</sup>

A tarefa essencial da evangelização (...) inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (146, cf. 338, 550). Teremos que profeticamente proclamar a Palavra para suscitar a prática solidária. Teremos que mostrar que muita coisa tem que mudar na administração da Igreja. Teremos que recordar a todos na liturgia que não há eucaristia sem lava-pés. Teremos que colaborar no fortalecimento das Pastorais Sociais. Teremos que repetir até a saciedade que quem serve ao pobre serve a Jesus Cristo.

---

<sup>2</sup> TABORDA, Francisco. *O ministério ordenado na Igreja: Uma perspectiva católica*. REB, 62, Fasc. 247, Julho 2002, p. 571.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.572-573.

## II PROPOSTAS PARA O APOSTOLADO DOS DIÁCONOS NAS NOVAS FRONTEIRAS DA MISSÃO

Os bispos em Aparecida fazem um chamado aos diáconos para o apostolado. Querem resgatar a apostolicidade do ministério diaconal. Os diáconos são apóstolos, isto é, enviados para atuar em novos campos da missão. Esses novos campos, não são apenas territoriais. Trata-se dos campos das culturas, do diálogo inter-religioso, do diálogo ecumênico, o mundo das ciências, da política, da economia. Mas qual seria a diferença da ação do diácono e do leigo neste apostolado?

### 2.1. Os bispos esperam que os diáconos sejam apóstolos

A primeira parte do n. 208 do DAp diz: *“A V Conferência espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão”*.

Primeiro esperam um testemunho evangélico. O que significa dar testemunho evangélico? Significa amar como Jesus nos amou. Estar comprometidos com as causas do Reino, causas da justiça, da paz e do bem comum. Anunciar o evangelho e praticar a caridade. E como diácono significa, especificamente, serem testemunhas de Cristo-Servo.

Em segundo lugar esperam impulso missionário. Reavivar a consciência de que somos missionários. A missão de evangelizar tem que ganhar maior impulso. Não por motivos da possível perda de fiéis ou pela desmotivação dos que ainda se dizem cristãos, mas porque o Deus que habita em nós, o Deus Trindade, é missionário. Somos por natureza, comunicadores da vida trinitária. Sem missão não resistimos como cristãos.

Esperam os bispos que os diáconos sejam apóstolos. O apóstolo é um enviado que exerce um ministério itinerante, como foi o de Jesus e o dos apóstolos e discípulos. Talvez se tenha que resgatar este caráter itinerante do ministério do diácono. Sua própria condição, de profissional e quase sempre homem casado, o configura como alguém que não se fixa apenas em um lugar, por exemplo, na comunidade, mas ele circula por diversos ambientes sociais por motivos profissionais, associativos ou familiares. A indicação das novas fronteiras da missão nos mostra a necessidade e a possibilidade de um apostolado fora dos grupos, movimentos, pastorais e comunidades dos que já estão evangelizados.

### 2.2. Apóstolos nas famílias.

Exercer o apostolado na própria família. Este é um dos campos mais difíceis hoje de apostolado. Não só para o diácono como para todas as famílias cristãs. Um apostolado feito de coerência entre o falar e o agir.

Hoje a fidelidade conjugal, o casamento estável, a educação dos filhos, amar e se sacrificar pelos outros é vista como coisa antiga e superada. Sentimo-nos quase impotentes diante dos comportamentos e escolhas dos nossos filhos. A pressão e influência externa de todo tipo sobre a realidade familiar e a orientação dos filhos parece que só pode encontrar resistência na firmeza inabalável do testemunho de fé e de amor em todos os momentos e circunstâncias.

Outra tarefa que os diáconos podem assumir com maior atenção e intensidade é o da pastoral familiar. Eles que na sua imensa maioria são casados e tem uma família, podem com suas esposas e filhos serem excelentes evangelizadores das outras famílias.

Aparecida propõe uma ação missionária capaz de chegar à vida de todas as famílias. Isso exige pessoas dedicadas de corpo e alma a esta missão. Este é um campo pastoral desafiador e ao mesmo tempo apaixonante que pode realizar plenamente o ministério do diácono.

*“Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora da Igreja.*

*Em toda diocese se requer uma pastoral familiar “intensa e vigorosa” para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida, e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados”. (DA 435).*

Nas famílias encontramos as crianças, os adolescentes e os jovens. Estimular a pastoral da criança, dos adolescentes e da juventude envolvendo os pais e os filhos maiores é certamente o caminho para fortalecer nas famílias o espírito missionário.

Dentro da família encontram-se também os idosos. A Igreja quer dar a eles atenção humana integral, e quer que eles se incorporem, dentro das suas possibilidades na missão evangelizadora (cf. DAp 450).

A pastoral familiar precisa trabalhar também o respeito à mulher, superando a mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo, que reconhece e proclama a “igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem” (cf. DAp 453).

Igualmente precisa trabalhar para mudar o quadro atual a respeito do homem e pai de família. Aparecida verifica que uma porcentagem significativa de homens na América Latina se manteve à margem da Igreja. Isso questiona fortemente o estilo de nossa pastoral convencional (DAp 461). Por outro lado, muitos deles sentem-se cobrados na família, no trabalho e na sociedade, com tendência a valorizá-los pelo que contribuem materialmente (DAp 462).

A respeito da cultura da vida, Aparecida propõe que se capacitem também os diáconos com estudos universitários de moral familiar, questões éticas e, quando seja possível, cursos mais especializados de bioética, para ser voz dos que não têm voz (cf. DAp 469 b).

Aquilo que Aparecida diz que o povo de Deus espera dos presbíteros pode ser aplicado também aos diáconos. O Povo de Deus sente necessidade de diáconos servidores da vida; que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade (cf. DAp 199).

### **2.3. Apóstolos no ambiente de trabalho**

Os diáconos são profissionais que atuam nos mais diversos campos e ambientes de trabalho. O trabalho no sistema do capitalismo neoliberal nem sempre respeita a dignidade da pessoa humana. Muitos se sentem escravos do trabalho. E muitas pessoas são envolvidas em um trabalho escravo. É difícil não sucumbir diante de pressões de todo tipo. Manterem-se corajosamente coerentes com os princípios do Evangelho e manter relacionamentos evangélicos com todas as categorias de pessoas, é o caminho mais convincente de apostolado mesmo que aparentemente pareça que nada muda e que estaríamos inutilmente andando contracorrente. Os diáconos sejam eles empregados ou empregadores tem um excelente campo de apostolado junto a classe operária tratando de colocar em prática os ensinamentos da doutrina social da Igreja.

### **2.4. Apóstolos nas comunidades.**

Os bispos nos dizem que é preciso reanimar os processos de formação de pequenas comunidades no Continente. Através delas teremos mais vocações para o sacerdócio, conseguiremos chegar aos afastados, aos indiferentes, aos descontentes ou ressentidos em relação à Igreja (DAp 310). Elas são um meio privilegiado para a Nova Evangelização e para que cada batizado viva como autêntico discípulo missionário de Cristo (DAp 307).

O segredo do êxito da missão Continental está aqui. Se as dioceses forem capazes de deslanchar processos de formação de pequenas comunidades.

O Documento ao falar dos diáconos diz que eles “são ordenados (...) também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais” (DAp 205). Os bispos renovam uma proposta para o ministério diaconal que se repete desde o Concílio Vaticano II. Já no Decreto *Ad gentes* 16, a proposta era ordenar

diáconos aqueles que dirigiam longínquas comunidades cristãs. Medellín fala que é necessário preparar diáconos capazes de criar novas comunidades cristãs e ativar as existentes. (cf. M 13, 3.7.2); (M 6, III,6).

Esta função de “criar”, “dirigir” ou “acompanhar” novas comunidades cristãs é muito importante, mas não poderá ser realizada sem carisma, preparação, renovação da mentalidade dos presbíteros e sem conceder certa autonomia de ação aos diáconos. Creio necessário advertir em primeiro lugar que essa função não pode recair só nas mãos dos diáconos. As comunidades podem ser fundadas pelos mais diversos membros do povo de Deus. E nestes membros, sejam ministros ordenados ou não, o fator crucial é serem portadores do carisma do Espírito Santo para tal ação.

Em segundo lugar, a ação de direção ou acompanhamento, é própria dos ministros ordenados, e poderá haver uma delimitação ou especificação do campo de ação de cada um. Por isso que é requisito para alguém ser ordenado possuir espírito de liderança, ser um bom coordenador e ter sido preparado para trabalhar em comunhão e unidade.

Sobre a renovação da mentalidade dos presbíteros é necessário ainda avançar no entendimento de que o diácono não exerce seu ministério na dependência dele, mas que é a outra mão do bispo para “descentralizar” o ministério do Bispo. Só assim poderão surgir outros tipos de comunidades, modelos alternativos ao modelo paroquial, sejam denominadas diaconias ou com outros nomes. A pastoral urbana, por exemplo, recomenda que se aposte mais intensamente na experiência de comunidades ambientais.

Por último, sem que o bispo confie ao diácono o cuidado de uma comunidade, seja do tipo que for, não estando na dependência de uma paróquia e de um presbítero não renovado, o diácono dificilmente poderá atender à expectativa que a Igreja coloca nele desde o Concílio até Aparecida.

Finalmente, nessa expectativa dos bispos de que os diáconos sejam apóstolos nas comunidades, podemos perceber a urgência do testemunho perante os outros membros da comunidade de um ministro ordenado que não meça esforços na disponibilidade e na gratuidade do serviço a todos.

## **2.5. Apóstolos nas novas fronteiras geográficas e culturais.**

Supostas as condições que vimos anteriormente para que um diácono consiga desempenhar as funções de acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, vejamos agora a outra parte do n. 205. Os diáconos “*são ordenados (...) também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais*”.

A palavra “especialmente” já indica uma prioridade. Entre os possíveis tipos de comunidades que poderiam ser acompanhadas pelos diáconos, os bispos sinalizam as comunidades que estão ordinariamente fora da ação evangelizadora da Igreja como aquelas que devem ser prioritariamente confiadas aos diáconos. Mas quais são essas novas fronteiras geográficas e culturais da missão da Igreja?

No n. 491 ao falar dos novos aréopagos e centros de decisão onde tradicionalmente se faz cultura, o Documento enumera estas novas fronteiras culturais: o mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza, o campo da experimentação científica, das relações internacionais.

Também a Comissão Teológica Internacional no seu trabalho: *Diaconato: evolução e perspectivas*, fala da necessidade de fazer um esforço particular para que o diaconato seja um “ministério do limiar”, que tende a se preocupar com a “Igreja das fronteiras”. Isto na América Latina significa trabalhar com famílias em conflito, com drogados, prostituição, violência urbana, no campo da educação, do mundo operário e no meio profissional. (Ver SEDOC, março-abril 2003, p. 584).

Quais são as novas fronteiras geográficas? Como diz Bento XVI as novas fronteiras geográficas “não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e, sobretudo os corações”. Não se trata só de ir como missionários a outro país, a outra região, mas de ir aonde muitas vezes ninguém quer ir, por exemplo: nas periferias urbanas, favelas, zona rural, condomínios fechados, hospitais, prisões, lugares de lazer e turismo.

## **2.6. Apóstolos na construção da paz.**

A promoção da solidariedade e da paz é um compromisso de toda a humanidade, é um compromisso de todos os cristãos. O que é tarefa de todos, torna-se ministério próprio do diácono. “Ser intermediário da paz, fruto da reconciliação proporcionada pela conversão à lógica da solidariedade, é o ministério fundamental de todo cristão”.<sup>4</sup>

Promovendo a solidariedade chegaremos à paz. Promovendo uma Igreja samaritana o diácono ajuda a construir a paz. O samaritano não olha religião, sexo, nação, terrorismo, só vê o necessitado. O samaritano é modelo dos que querem construir a paz. É modelo de como devem ser organizadas as ações de ajuda, a partir dos necessitados e indo além do emergencial.

“A paz é uma responsabilidade universal, que passa através de mil e um atos humildes da vida de cada dia. Ela aguarda seus profetas e construtores, que não podem faltar antes de mais nada nas comunidades eclesiais, cujo pastor é o Bispo.”<sup>5</sup> O diácono colaborador do ministério do bispo desenvolve a solidariedade e a paz através da Palavra, da liturgia e da caridade.

O diácono além da sua atuação no meio eclesial exerce seu apostolado como construtor da paz criando grupos y comunidades, sem fronteiras, com outros promotores da paz.

## **2.7. Apóstolos no desenvolvimento e libertação dos povos**

O testemunho cristão dos líderes políticos sejam eles do legislativo, judiciário ou executivo, parece hoje mais necessário e urgente do que em outros momentos. O desprestígio das lideranças políticas e o descrédito frente a tanta corrupção que foi exposta abertamente exigem um exemplo heróico e descomunal daqueles que se dizem cristãos. Sabemos da desconfiança existente nas nossas comunidades até dos seus membros que se envolvem na política. Mas devemos superar estes preconceitos e envolver aqueles diáconos que são experientes e carismáticos neste campo para formar comunidades com líderes políticos. Esta comunidade realizará sua ação caritativa independente de partidos e ideologias. (Cf. Deus é amor, n.31).

## **2.8. Apóstolos da promoção da mulher e da criança.**

Numa sociedade de desrespeito aos direitos humanos dos seus cidadãos, que se vêem todo dia e a toda hora violentados nos seus direitos mais primários, a sociedade vem se organizando em entidades e grupos que unem esforços para fazer valer seus direitos. São grupos de favelados, de moradores de edifícios, de sem teto, sem terra, de violência racial, étnica, são direitos trabalhistas, do consumidor, direitos à assistência médica. Alguns destes grupos são apoiados pelas nossas dioceses. Mesmo conscientes de que “a Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Não pode nem deve pôr-se no lugar do Estado. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça”. (Cf. Deus é amor, n.28).

---

<sup>4</sup> Campanha da Fraternidade 2005, n.104

<sup>5</sup> João Paulo II, *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Gregis sobre o Bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo*. N° 67. São Paulo, Paulinas, 2ª e. 2003.

Temos mais uma vez a confirmação da oportunidade e necessidade de que o diácono atue com estes grupos formando comunidades que possam alimentar uma espiritualidade que os leve não só a resolver problemas sociais, mas ao mesmo tempo levar afeto ao coração das pessoas.

### **2.9. Apóstolos na ecologia e na proteção da natureza.**

A consciência de que devemos cuidar do planeta vai crescendo na humanidade. O espírito solidário entre todos os povos unidos para a defesa do planeta tem de ser cada vez mais vivenciado. Os grupos que se preocupam com o reflorestamento, com a defesa das espécies animais em extinção, com a limpeza dos rios e mares, com a poluição do ar, etc., se multiplicam. Neles está presente um grande espírito de serviço. Criar comunidades-ecológicas pode ser uma forma de sinalizar que somos parte da nova criação.

O apostolado do diácono será colaborar na recuperação da relação do homem com a natureza, lutando por outro modelo de desenvolvimento e ajudando a criar outro estilo de vida.

### **2.10. Apóstolos no mundo da cultura e da ciência.**

Aqueles diáconos com dons e capacidades culturais e científicas podem agir nos mais diferentes círculos e fóruns além das fronteiras geográficas paroquiais e diocesanas constituindo grupos de estudos. Podem ser estudos referentes à teologia ou a Igreja em geral, ou científicos das mais diversas disciplinas, mas sempre buscando elucidar aspectos da relação com a fé. O fruto das suas conclusões é partilhado com toda a Igreja. Esta diaconia do conhecimento é muito necessária e pode atrair intelectuais das mais diversas áreas. Criar e acompanhar comunidades de cientistas, de professores, de promotores da cultura nos mais diversos campos da arte é outro dos novos campos do apostolado dos diáconos.

#### **Para reflexão pessoal e em grupos**

- **Quais são as novas fronteiras da missão no seu país?**
- **Indique os principais desafios que enfrentam os diáconos para serem apóstolos nas novas fronteiras da missão.**
- **Proponha linhas de ação para o apostolado dos diáconos nas novas fronteiras da missão.**